

PREGÃO ESCOLÁSTICO

Recitado em 5 de Dezembro de 1915, pelo académico do quinto ano:

JOSÉ FERNANDES LIMA

Aos grandes entusiastas das tradicionais FESTAS NICOLINAS e meus amigos: P.^e Gaspar da Costa Roriz e Jeronimo Sampaio, oferece

o Autor.

A Mocidade de hoje imita ainda a antiga!
P'r'o serio uma risota e mais sua cantiga,
E folga e ri e canta e, troçando de tudo,
De ler nunca deixou os livros do estudo,
—Calhamaços demais
Sem folhas e estragados,
Que deram que fazer a nossos qu'ridos pais,
—Nossos antepassados!

Estando o bacalhau a um preço desconforme,
Os ovos nem falar, a um preço grande, enorme,
Azeite sem batata, arroz par'cendo goma
Que não ha por ai individuo que o coma,
Dizia o bom do Zé, o lorpa, á boca cheia,
(Coisa que a gente odeia!)

Que a Festa a Nicolau, —Festa de simpatia,
Deixava de existir e que se não fazia,
Pois fez-se a nossa Festa, a Festa a Nicolau,
Embora tudo caro, embora tudo mau.

Que importa que o comercio em duas horas certas
Protestasse e fechasse as portas já abertas?
Importancia nenhuma; o povo sendo ordeiro
Pode e deve pagar a mais algum dinheiro.

Que importa que as gentis, as madamas formosas,
Anjos celestiais, pombas e mariposas
Uzem com altivez sapatos de veludo
Se o bruto do marido *aboca* tudo, tudo,
Dizendo, satisfeito: « E que me importa a mim
Se quero a minha esposa em *ouço*, um *queridinho*?!... »

Que importa que Vizela, orando a sua prece,
Com certa devoção, um concelho quizesse
Se tudo em balde foi —trabalho que impingiu,
—Se nada conseguiu?

Que importa que a saibreira um homem conte morto
Se tudo está na mesma e continua torto?
Foi culpa nossa? Não! Foi serviço ilegal,
A culpa de quem foi? —do empregado fiscal
E do senado, também,
Porque devia saber a gente que lá tem.

Que importa que as mulher's, ás noites, agrupadas,
Cantem pobres canções, tristes, desafinadas:
*Corina? o Mario foi-se... e ela, coitadinha,
Lá o foi encontrar á beira da castinha,
Só, prostrada no chão,
Desalça o pobre morto e já sem zoração?*

Que importa que ao domingo (o caso até tem graça!)
De amator's, uma duzia, alem, na nossa praça,
Queira brincar co'um touro e fariar, investir,
Se temos de nos rir,
Abrir bem as guelas,
Ao vê-los pelo chão, berrando das costelas?

Que importa que a batota ande desenfreada
Se a nossa autoridade em bolas não faz nada?
Que importa que a boçalha ande, ande... ao de redor
Se o olvido dá dinheiro e se faz um favor?

Que importa que não fosse (e isto desde Agosto!)
Um bom relógio posto,
Como alguém para ai havia-o prometido?
Tudo, tudo fingido!...

Que importa Guimarães um bispo receber
Com todo o aparato e o maximo prazer
Se no célebre dia (e como ele é mau!)
Correu o Afonso á pedra, a berros e a calhau?
O caso é ridiculo e em tudo é banal!
E tudo junto foi: quaresma e carnaval!
A nossa autoridade, agora, está mais mansa,
Ao povo permitindo em fazer a *festança*.
A peregrinação lá se realizou
Como em tempos d'outr'ora e nada lhe faltou.
O povo de alegria e de contentamento
Assistiu a um milagre: um pobre dum sargento

Que nunca teve fé no Senhor, um ateu,
Perante o arcebispo em cristão se verteu!
Sairam prociões: a Ronda da Lapinha...
—Oh Chena: olha a galinha!

Que importa tudo caro? (e vós não morrereis!)
Com este meu pensar, com esta minha ideia:
Todos deveis beber, ao preço de dez reis,
O leite desnatado, ali, sim, da Assembleia.
—Peitoral eficás, por um preço bem bom,
E muito sup'rior ao *Pouche de Siam*!

Que importa que o caixeiro agora co'o descanso
Na Festa não se meta e não queira brincar
Co'a nobre estudantada e, se pacato e manso,
A' noite se dirige á tuna, p'ra tocar
A serio uma gaitada em grande instrumental?
Musicos sem rival:
Tocai, tocai, tocai com alma e devoção!
A vossa *orquestra* é boa, igual á de Milão!
Quem tem cabeça astuta
Põe a flauta na boca e, ao ranger da batuta,
Emfim, deve tocar conforme é o compasso
Até enfraquecer o figado e o baço.
Quem sabe organizar a *Muscha Milanesa*,
Com arte e com saber, cauzando admiração,
E' justo, com franquesa,
Orquestra possuir igual á de Milão!...

Que importa que a Avenida esteja indecente
Se a cam'ra não atende a nossa santa gente?
Mas isso é lá com ela, os senador's... deixá-los
E mal de quem sofrer se acaso tiver calos...

Que importa, oh! sim, um posto-*Heróicos Verdilhões!*
Que importa haver patrulha, á noite, dois a dois,
Em passo vagaroso, a assemelhar os bois?
Que vindes cá fazer? Vindes prender ladrões?
O reubo 'inda se faz e ha de progredir!...
E o bom gatuno passa a vida a rir... a rir...

Que importa que, em Agosto,
No dia 27, entrassem ao quartel,
No sitio do Proposto?
Quem defender o rei está no seu papel!
Se julgam que lhes minto e não creem em mim,
Escrevam para a Espanha, inquiram do Clarim,
Fugido da cidade,
Se defender um rei não é *heroicidade*!

Que importa ao portuguez-*Loures* á *Guimarães*!
Por cada fato feito aumentar uns vintens
Se a obra satisfaz?

Anda a gente bem posta e, então, qualquer rapaz
Sabendo-se aprumar, bota de polimento,
Cartola e colarinho, um janota elegante,
Por certo arranjará enlace, um casamento,
Embora um cidadão não passe dum pedante!

Que importa que um senado almejasse fazer
Figura e mais figura? (o caso é de morrer!)
Tomando a sua posse alegre e com regalo,
Se fálhou o badalo?!

Não julguem que é mentira, a coisa é verdadeira:
Foi quando aqui cahiu chuva de... *Pimenteira*.
E para um cidadão que queira ser sensato
O caso é caricato!

Até deu que falar! a scena foi tão bela...
—*Oh minha mãe: olha!*
—O' sopeirinha, adeus! então eu não sou gente?
Não se lembra de mim? de mim que antigamente
Fui um seu namorado?

Não se lembra de mim? estou assim mudado
P'ra não me conhecer?
Diga, quero-o saber.

—Ail bons tempos d'outr'ora! o tempo que passou!
Quantos beijos na face?! e tudo terminou.
E' caricato o amor, tirano e bem cruel
Embora o façam bom e doce como o mel!

—Vem cá, linda *Poucheira*, aqui, á minha beira!
—Sempre tens uma ceira!
—Vem cá, não és mulata, um beijo e terminou-se...
—Tens treta e és bonito oh! mas isso acabou-se
—Conta-me o teu segredo e nada de receio,
Que teimosia a tua! então? á noite, *ceia*!
Não te faças rogada e nada de demoras!
—Oh filho, aonde moras?
—Um beijo por favor, a mim, a um teu amigo.
—Mas isso é lá *congrigo*!
—Se o amor ainda dura...
Isso é com a *masura*!

—E da greve renhida? o caso em que ficou?
—Que resultado deu?
—Hein! como? diz você que inda não terminou,
E que um homem morreu?
Que fecharam os portais sem dar satisfação
A uma Fed'ração?
Foi ilegal, bem sei,
E procederam mal, abusaram da lei.

Damas da nossa terra, eleitas do Senhor:
P'ra vós mais um sorriso! um osculo de amor,
—Estim'lo da afeição e da muita amizade
Que tendes consagrado á nobre mocidade!
Francamente vos digo, anjos de simpatia,
Como passar havia

Um qualquer estudante andando a cada passo
A decorar lições, relendo o calhamaço,
A' noite, á frouxa luz, de frio a tirar,
Sem um sorriso vosso, eleitas do Senhor?
A nossa vida então seria um caos, horror?
Sem damas tão gentis não podemos passar.
Por vós temos afecto e aqui bem o sentimos:
A vossas casas vímos,
Em festivo cortejo, entregar-vos maçãs,
Com licença dos pais e bondosas mããs.

O mundo é bem fatal e anda em convulsões!
Granadadas pelo ar, ribombos de canhões,
Dos grandes, colossais, são horrivelmente,
Com um unico fim: exterminar a gente.

Zepelins, pelo espaço,
Vomitam, lá de cima, á toa, a cada passo,
As bombas infernais
Que, batidas no chão,
Incendeiam casais,
Matam um cidadão

Que, muito satisfeito, andava pela rua,
A fazer e a cantar versos coxos á lua!
No mar a mesma scena: os enormes navios
Retalham o oceano, andam aos desafios,
Em luctas só de horror!
E dizem os jornais: lá foi mais um vapor;
E um bonito barco
Lá foi, caiu ao charco!...

Rapazes, alto lá: como tudo anda em guerra
Preciso é fazer-se, aqui, na nossa terra,
(Embora o tempo mau...)

A guerra instrumental do *nosso* Nicolau!
Rufai valentemente com força e com coragem
Prestai ao nosso Santo a pristua homenagem:
Baquetas de bom pau, braço desempenado,
P'ra cada um ficar artista consumado...
Portaívos como heróis!

Quando a conta vier amanhã ou depois,
Os vossos qu'ridos pais, com toda a gentileza,
Das peles pagarão a mais essa despesa,
Pegando num fueiro,
Fazendo de vocês um misero pandeiro!

Leão Martins.